



REINO UNIDO / Rei Charles III se reúne com lideranças políticas na Irlanda do Norte e promete “buscar o bem-estar de todos os habitantes”. País está dividido entre secessionistas e entusiastas da Coroa e mergulhado em uma frágil paz

Visita sob alta tensão

» RODRIGO CRAVEIRO

O gerente de transportes norte-irlandês Colin Logan, 57 anos, e a mulher, Joan, aguardaram a passagem da comitiva atrás da Catedral St. Annes, no centro de Belfast. Às 14h52 (10h52 em Brasília), o carro levando o rei Charles III e a rainha consorte Camilla Parker Bowles passou por eles. A primeira visita do soberano à Irlanda do Norte ocorreu sob tensão. O filho primogênito da falecida rainha Elizabeth II terá a missão de lidar com a ameaça secessionista e buscar uma reconciliação em um dos quatro países que compõem o Reino Unido — com Inglaterra, Escócia e País de Gales. “Fomos dar as boas vindas e mostrar o nosso respeito ao rei. Testemunhamos a chegada dele a Belfast para a cerimônia religiosa em memória de Elizabeth II. Pude vê-lo nos degraus da catedral, cumprimentando a multidão”, contou Logan ao **Correio**. Seis horas depois, o corpo de Elizabeth II chegava ao Palácio de Buckingham, em Londres, para a última etapa da despedida. “Foi muito importante para nós, da Irlanda do Norte, vermos o novo rei aqui. Estou muito orgulhoso e humilde em ser um súdito leal da Coroa. Muito feliz em termos Charles III, mas triste por perdermos Elizabeth II”, disse Logan. Ele lembra que a Irlanda do Norte tem uma história de lealdade dividida entre a Irlanda e a Grã-Bretanha. “Eu nasci em 1965, vivi os piores e os melhores momentos que essa bela terra teve para nos dar. Aqueles que desejam deixar a Grã-Bretanha e se tornar uma Irlanda Unida têm o seu lugar, mas vivemos em uma democracia. A maioria dos norte-irlandeses deseja permanecer no Reino Unido”, acrescentou. Andrew Blick, diretor do Departamento de Economia Política

do King’s College London, afirmou ao **Correio** que a visita do rei Charles III à Irlanda do Norte deve ser vista sob o prisma da unicidade do reino. “Charles mostra que é o rei de toda a União, não apenas da Inglaterra, mas de outras partes do território, cujo status tem sido contestado”, explicou. O especialista lembrou que, de acordo com os termos do Acordo de Belfast (ou Acordo da Sexta-feira Santa), o futuro status da Irlanda do Norte está sujeito aos desejos da própria população norte-irlandesa. “Se eles votarem em um referendo para abandonar o Reino Unido e se unirem à República da Irlanda, poderão fazê-lo. Essa é a base do processo de paz. Nesse sentido, não cabe a Charles impedir a secessão, mas mostrar que a Irlanda do Norte é um de seus reinos”, comentou Blick. Em 1921, depois da independência da Irlanda, os britânicos mantiveram este pedaço da ilha, e a região separou-se entre católicos e protestantes. Na segunda-feira, Charles III visitou a Escócia, que estuda realizar novo referendo de independência. Durante a visita à Irlanda do Norte, ele se encontrou com líderes políticos da região no Castelo de Hillsborough, no sul de Belfast, e recebeu condolências de unionistas — os quais defendem o status quo de pertencimento à Coroa britânica — e de republicanos, que sentem a oportunidade de abandonar o Reino Unido e se reunificar com a República da Irlanda. “Assumo minhas novas tarefas determinando a buscar o bem-estar de todos os habitantes da Irlanda do Norte”, anunciou o rei. Por três décadas, os unionistas protestantes e os republicanos católicos travaram confrontos sangrentos, que deixaram 3.500 mortos e envolveram também o Exército do Reino Unido.

Niall Carson/AFP



Charles III e a rainha consorte, Camilla, cumprimentam súditos no Castelo de Hillsborough, em Belfast: condolências de unionistas e republicanos

Unionista, Logan crê que a Irlanda do Norte e a Irlanda um dia serão uma “Irlanda Unida”. “Isso está longe de ocorrer. Os jovens não desejam o passado. Querem paz, diversão e risos, além de tempo para viverem livremente”, observou. Michelle O’Neill, vice-presidente do Sinn Féin, antigo braço político do extinto Exército Republicano Irlandês (IRA), admitiu ontem que Elizabeth II “foi uma líder corajosa”. Ela estendeu a “mão amiga” a Charles III e destacou “a importante contribuição” da falecida rainha “para alcançar a paz e a reconciliação entre as diferentes tradições da nossa ilha e entre a Irlanda do Norte e o Reino Unido durante os anos de processo de paz”.

"Não suporto essa maldita coisa!"

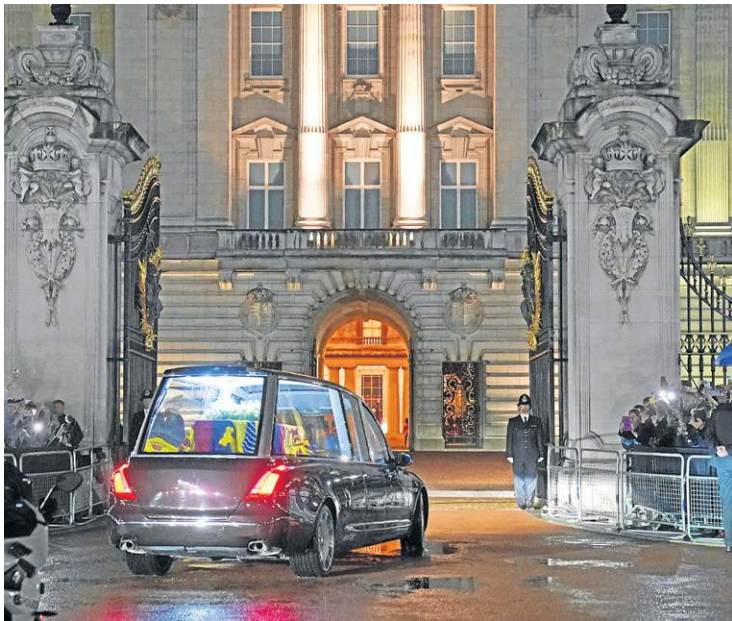
Niall Carson/AFP



A paciência deveria ser uma virtude dos nobres. No entanto, o rei Charles III provou que lhe falta essa qualidade. Ao assinar o livro de condolências em memória da mãe, no Castelo de Hillsborough, em Belfast, o monarca se confundiu com a data e demonstrou irritação com o fato de a caneta ter vazado tinta. “Eu tenho que colocar... É 12 de setembro?”, perguntou Charles III a um homem na sala. “Treze, senhor”, respondeu. “Oh, Deus, coloquei a data errada. (...) Oh, Deus, odeio isso”, disse o monarca, ao entregar a caneta à rainha consorte, Camilla, e limpar as mãos com um lenço retirado do bolso. “Não suporto essa maldita coisa. O que eles fazem... Toda hora fedendo”, reagiu Charles.

Corpo de Elizabeth II chega a Londres para velório

Gareth Fuller/AFP



O caixão da rainha atravessa os portões do Palácio de Buckingham

O caixão com o corpo de Elizabeth II chegou, no início da noite de ontem, a Londres para seis dias de homenagens populares e um funeral de Estado, após o adeus dos escoceses à sua rainha, falecida na quinta-feira aos 96 anos, depois de sete décadas no trono. Milhares de pessoas enfrentaram o dia chuvoso para receber, com aplausos e as lanternas de seus celulares acesas, a chegada do féretro ao Palácio de Buckingham, onde passou a noite cercado pela família real, chefiada pelo novo monarca, Charles III. A reta final da última viagem de Elizabeth II levou mais de uma hora desde a base militar de Northolt, onde um avião C-17 Globemaster, recentemente utilizado em missões de ajuda

à Ucrânia, pousou às 18h54 locais (14h54 de Brasília), transportando o caixão. A única filha da rainha, a princesa Anne, de 72 anos, acompanhou todo o trajeto. “Tive a sorte de compartilhar as últimas 24 horas da vida de minha amada mãe. Foi uma honra e um privilégio acompanhá-la em sua última jornada”, afirmou a princesa em um comunicado, em que agradeceu as demonstrações de “amor e respeito” à falecida. A primeira homenagem aberta ao público aconteceu na Escócia, onde Elizabeth II morreu no castelo de Balmoral, a residência de verão da realza. Desde segunda-feira, dezenas de milhares de pessoas passaram pela capela ardente instalada na Catedral de Saint Giles, em Edimburgo.

Morador da cidade, Gavin Hamilton ficou na fila por mais de cinco horas e só conseguiu entrar na catedral às 2h50. E milhares de pessoas continuavam à espera de prestarem suas homenagens. “Havia pessoas que vieram de Aberdeen, a quase 100 milhas (160km)”, disse. “A Escócia se despediu de nossa rainha com tristeza, mas com carinho. Nunca mais a veremos”, escreveu a chefe do governo escocês, Nicola Sturgeon.

Aberto ao público

Depois de passar a noite no ‘Bow Room’ do Palácio de Buckingham (salão onde a rainha jantava com dignitários), ao lado da família, o corpo será levado hoje para o Westminster

Hall, a ala mais antiga da sede do Parlamento. Centenas de milhares de pessoas devem passar pelo local para prestar homenagem à rainha. O governo alertou que as pessoas podem ser obrigadas a passar várias horas na fila antes de se aproximarem do caixão. “Levem isto em consideração antes de decidir sobre comparecer ou trazer crianças”, advertiu Downing Street. Desde segunda-feira, vários britânicos aguardavam diante do Parlamento, 48 horas antes da abertura ao público. Os londrinos terão vários dias para prestar homenagens à monarca, até as primeiras horas de segunda-feira, 19, dia em que seu funeral de Estado será realizado na Abadia de Westminster e ela será enterrada em Windsor.

ARGENTINA

Mulher é detida por ataque contra Kirchner

Uma mulher foi presa, ontem, aumentando para três o número de pessoas detidas pelo ataque fracassado de 1º de setembro contra a vice-presidente argentina Cristina Kirchner, informaram fontes judiciais. A detida, cuja identidade não foi divulgada, é amiga de Brenda Uliarte, a jovem de 23 anos suspeita de participar do atentado com o namorado Fernando Sabag Montiel, 35, que disparou a arma contra Kirchner, informou a agência de notícias oficial Telam.

Sabag Montiel foi preso na mesma noite da tentativa de assassinato, logo após puxar o

gatilho de uma pistola duas vezes a poucos centímetros da cabeça de Kirchner, do lado de fora de sua casa em Buenos Aires. No entanto, a arma não disparou. A nova prisão ocorreu em uma casa em San Miguel, na periferia oeste de Buenos Aires, após uma série de batidas policiais. A mulher é a pessoa com quem Uliarte se comunicou por telefone após o ataque, segundo as fontes.

Sabag Montiel conseguiu chegar até Kirchner camuflando-se entre as pessoas que manifestavam seu apoio à ex-presidente. Uliarte também estava no local e depois da prisão do

namorado, segundo as imagens de câmeras de vigilância. Ela foi presa três dias depois. Ontem, os jornais *Clarín* e *La Nación* informaram que Brenda e Sabag Montiel planejavam alugar um apartamento na frente da residência de Cristina Kirchner. Segundo a perícia realizada nos celulares dos réus, eles haviam tentado atacar Kirchner em 27 de agosto, mas o plano foi abortado. Fotografias encontradas no celular de Sabag Montiel mostram os dois posando com a pistola Bersa 32 com a qual o ataque foi realizado. O homem, nascido no Brasil e radicado na

Argentina desde os 6 anos, recusou-se a responder às perguntas do juiz em duas audiências de inquérito em que se limitou a exonerar a responsabilidade de Uliarte. O detido foi descrito como um mitomaniaco, com vida marginal, com tatuagens de símbolos nazistas, mas sem ativismo político conhecido, embora com mensagens críticas ao governo de Alberto Fernández e Kirchner.

Ameaça de morte

O ministro da Segurança, Aníbal Fernández, anunciou

Telam/AFP



Brenda (E) e o namorado, Montiel (D), posam com a arma do crime

que a segurança de Kirchner foi reforçada após ela receber uma ameaça de morte. “Ontem (segunda-feira) houve uma mensagem pelo 911. Parecem pequenas coisas, mas não são pequenas coisas, é sério, tudo tem que ser

investigado”, disse Fernández à imprensa. O ministro, que entrou em contato com Kirchner para informar sobre o caso, disse que a vice-presidente “não tem medo”. “Cristina é uma mulher muito forte nessas coisas”, afirmou.